

TÍTULO DO TRABALHO: AS NOMINALIZAÇÕES EM SALA DE AULA COMO MARCAS DE NÃO- COMPROMETIMENTO DO SUJEITO

Abstract

This work introduces as fundamental points the directive following lines; a) the nominalizations are frequently in institutional discourse in spoken and written language; b) the language has elements such as the passive voice, the specific verbal times, the nominalizations etc., which reveal a distance between the enunciations and the persons who enunciate them; c) the nominalizations contribute to the reference of the text.

Palavras-chave: Discurso Nominizações Interação

1 Considerações iniciais

Este trabalho se propôs analisar o discurso de sala de aula, em turmas do ensino de terceiro grau, em diferentes cursos: Letras, Arquitetura, Biologia e História, em uma das universidades públicas brasileiras – a Universidade Federal de Alagoas. A prática discursiva na Universidade, como sabemos, é caracterizada, muitas vezes, por discursos assimétricos, pois, por ser “instrumento socializador e organizada segundo preceitos sociais, a aula possui papéis definidos atribuídos aos seus participantes. Ao professor cabe transmitir determinados conhecimentos socialmente aprovados e aos alunos esforçarem-se para adquirir tais conhecimentos” (Cunha, in Magalhães, 1996, p. 229).

Para a efetivação da análise dos dados, foram observados dois enfoques distintos: o primeiro está ligado ao aspecto meramente descritivo das nominalizações, havendo uma explanação teórica em consonância com as gramáticas normativas (Almeida, 1989; Cunha & Cintra, 1985; Lima, 1998 e Sacconi, 1994) e com os livros destinados aos seus aspectos descritivos; o segundo está ligado à análise discursiva, em que as nominalizações são vistas de acordo com as intenções, com as idéias cognitivas dos participantes da interação - professor-aluno -, observando se essas nominalizações desempenham a função de elementos distanciadores do sujeito no discurso.

2 Nominalização

A nominalização não se encontra assim denominada nas gramáticas normativas, embora se saiba que a sua operacionalização se dê por meio do processo de formação das palavras, denominado *derivação*, que está dividida em *regressiva* e *sufixal*. Para Lima (1998, p. 200), a derivação “é o processo pelo qual de uma palavra se formam outras, por meio da agregação de certos elementos que lhe alteram o sentido – referido sempre, contudo, à significação da palavra primitiva”. Assim, tem-se uma derivação sufixal, quando se acrescenta um sufixo ao radical, e uma regressiva, segundo Lima (1998, p. 214), quando “o termo derivado resulta da redução do derivante, por isso que a este se subtrai um segmento terminal”. Exemplos: preparar → preparação; fingir → fingimento etc.

Consoante Lima (1998, p. 214), são exemplos de derivação regressiva palavras como frango (de frangão), sarampo (de sarampão) etc., bem assim as deverbais como castigo (castigar), passeio (passear) etc. São estas últimas de alta produtividade na criação de substantivos, uma vez que a linguagem popular é mais propensa à criação e ao emprego desses substantivos chamados deverbais, pós-verbais e simplesmente verbais. Esse processo de derivação é também chamado de *derivação deverbal*. Said Ali (1923, p. 35) considera os deverbais em quatro grupos, levando em consideração a forma feminina e a masculina. Assim, são: **masculinos em o**: repouso, vôo, choro, bloqueio, amparo, desamparo etc.; **masculinos em e**: combate, corte, destaque, embarque, toque, transporte, debate etc.; **femininos em a**: conserva, perda, pesca, réplica, visita etc., e **masculinos e femininos**: grito e grita, ameaço e ameaça, pago e paga etc.

Observamos que há uma tendência a considerar a derivação regressiva e a redução ou abreviação como pertencentes a uma mesma categoria. No entanto, elas pertencem a conceitos distintos, pois, na redução, “temos uma palavra formada pela supressão de alguma parte da palavra derivante [...] a palavra formada é sinônima da derivante, apenas sendo usada,

as mais das vezes, num estilo mais coloquial”. Na derivação regressiva, “a supressão é sempre de uma seqüência fônica tomada como afixo; e a palavra resultante não tem o mesmo significado ou uso da palavra derivante” (Basílio, 1987, p. 37). Além disso, na derivação regressiva se dá a mudança da classe gramatical, pois o verbo passa a substantivo; na redução, a classe gramatical permanece a mesma, embora haja a sua redução (Kehdi, 1992, p. 27). Para exemplificar os dois casos de derivação, tomem-se como exemplos as duplas: a) cine (subst.) – cinema (subst) e b) luta (subst.) e lutar (verbo). Em *a*, as duas palavras - cine e cinema - são igualmente pertencentes à classe dos substantivos; em *b*, *luta* e *lutar* pertencem a classes gramaticais diferentes (substantivo e verbo).

Conforme pudemos observar no corpus analisado, a nominalização mais comum foi feita com o sufixo **-ção**. De alto teor de produtividade, é a usada em todos os discursos, o que pode ser explicado por: fabricar → fabricação; ligar → ligação; adaptar → adaptação. A seguir, aparece a nominalização feita pelos informantes a partir de **verbos** (derivação regressiva). Esse é um tipo que, do ponto de vista morfológico, é portador de morfema zero, o que acontece em: cantar → canto; causar → causa; esquematizar → esquema, dentre outros exemplos.

Houve outros sufixos que foram utilizados para a formação do aspecto nominalizador, tais como: **a) -da**, que é uma formação cristalizada da língua, sendo muito produzida, sobretudo na linguagem coloquial (Rocha, 1999): sair → saída; chamar → chamada; **b) -mento**, também muito produtivo, constituindo-se em uma forma regular de nominalização: conhecer → conhecimento; lançar → lançamento; surgir → surgimento; **c) -nça**, que é um alomorfe de **-ncia**, tem baixa produtividade, embora já seja uma forma lexicalizada: mudar → mudança; **d) -zagem**, que é um sufixo que forma nomes deverbais: aprender → aprendizagem; abordar → abordagem, dentre outros exemplos e **e) -ura** é um tipo de sufixo que contribui para que haja uma forma nominalizada, mas que extrapola o sentido de ato de alguma coisa: ler → leitura.

Pela leitura feita dos sufixos utilizados pelos informantes, observamos que, exceto a nominalização feita com o sufixo **-da**: sair → saída, os outros tipos de nominalização feitos com os sufixos **zero**, **-ção**, **-mento**, **-ança** e **-ura** são evidências características da língua falada formal. Isso também pode ser dito em relação à nominalização feita a partir de nomes, pois os sufixos apresentados são também de língua formal, como em: a) **-eza**: certo → certeza; b) **-dade**: difícil → dificuldade; c) **-ção**: opositor → oposição;

d) **-ncia/ -nça**: importante → importância; descendente → descendência; diferente → diferença.

Os vários discursos analisados, DSAArq., DSAPrát., DSABiol e DSAHist., constituem produções de língua oral, caracterizadas pelo gênero comunicativo denominado exposição teórica. Por serem produções de caráter dissertativo, haveria maior tendência para o emprego da nominalização, pois, segundo Rocha (1999, p. 48), “o texto dissertativo é mais favorável ao emprego de formas nominalizadas [...]”. Comprovamos essa afirmação, no *corpus* analisado, embora sua porcentagem não seja elevada. O maior percentual foi em DSAArq. (21,19 %), sendo seguido por DSAPrát. (18,44 %), conforme pudemos observar. Salientemos que essa tendência à nominalização, nos discursos analisados, não foi muito considerável, não atingindo os 50%.

As nominalizações aparecem nos discursos analisados¹, havendo diferenças quanto ao seu surgimento nas produções discursivas. Isso pode ser justificado pelo fato de alguns discursos, embora produzidos por informantes de língua culta, tenderem também ao nível da língua informal. Isso pode ser evidenciado no quadro a seguir:

Cursos	Total de palavras	Total de nominalização	%
DSAArq.	3 590	761	21,19
DSALet.	7 353	1 356	18,44
DSABiol.	9 631	1 728	17,94
DSAHist.	4 862	854	17,56

No discurso de sala de aula de Arquitetura (DSAArq.), quase não se percebe a díade pergunta-resposta, por se tratar de uma aula em que a exposição teórica predomina (explicação de um assunto novo). Não se constitui um monólogo, porque, mesmo sem a contrapartida verbal do aluno, a voz do professor se mistura a outras na prática discursiva. O uso das nominalizações pelos informantes é maior do que nos outros discursos.

Igualmente ao discurso anterior é o de Letras, que evidencia momentos em que professor e alunos também utilizam as nominalizações. Quanto aos dois últimos, DSABiol. e DSAHist., constatamos um número menor de nominalizações, apesar de os informantes serem usuários da língua formal.

Nos estudos específicos da Linguística Textual, as nominalizações têm um papel importante como um dos recursos da coesão, pois permitem que um elemento lingüístico faça remissão a outro do universo textual. Nesse sentido, as nominalizações são “formas nominalizantes (nomes deverbais), através das quais se remete ao verbo argumentos da oração anterior” (Koch, 1991, p. 46). Assim, nos seguintes exemplos, há uma nominalização, retirada de momentos interativos do discurso de sala de aula:

¹ Para verificarmos as nominalizações em nosso *corpus*, aplicamos o TACT (Programa computacional). As nominalizações escolhidas são as que obtiveram considerável ocorrência.

Exemplo 1

L1 *e por ser um editorial e por ser um um texto mais livre se é essa a palavra causaria diferença de que tipo ?*

L3 *no modo de se expressar*

30 L2 **a expressão (grifo nosso)**

(Discurso de sala de aula de História – DSAHist.)

O professor (L1), ao questionar o aluno no que diz respeito à diferença entre *editorial* e *texto mais livre*, obtém do aluno (L3) uma resposta em que aparece o verbo *expressar*, o que logo é reparado pelo outro aluno (L2), quando disse *expressão*. Como vemos, mesmo se tratando de língua falada, há a nominalização em: *expressar* → *expressão* (regressiva deverbal).

Exemplo 2

200 L1 *não ... certo? e nem tudo que é oposto é obrigatoriamente diferente ... então ... vocês acham que esse texto trabalha com coisas diferentes ou trabalha com ele trabalha com idéias diferentes ou trabalha idéias opostas?*

L2 L3 L4 L5 **idéias opostas**

L1 *opostas ... num é? cê num é/foi você que disse diferente você num acha que oposto fica melhor do que diferente? certo! uma cadeira é diferente dum lápis ... num quer dizer que eles sejam opostos ... pra haver **oposição** tem que haver algum tipo de ... relação num é isso? (grifo nosso)*

(Discurso de sala de aula de História – DSAHist.)

No exemplo 2, o professor (L1) pergunta aos alunos se o texto em estudo situa idéias opostas ou diferentes. Os alunos (L2, L3, L4 e L5) respondem *idéias opostas*. Explicando ainda sua opinião, o professor identifica o aluno que respondeu de maneira diferente da esperada, levando-o a aceitar a verdadeira resposta: *idéias opostas*. Nesse momento, o professor impessoaliza o seu enunciado, usando não-somente a locução impessoal *tem que haver*, mas também a nominalização: *opostas* → *oposição*. A nominalização empregada tem claramente um efeito semântico, pois nomeia um tipo de ato praticado pelo falante, bem como um efeito sintático pelo uso de palavras gramaticais diferentes (adjetivo → *opostas* – substantivo → *oposição*). O uso dessa nominalização tem um efeito estilístico específico por indicar a preferência do falante (professor) por esse recurso de formação de palavra. Utilizando esse processo, o professor dispensa a sua participação no enunciado produzido.

O que defendemos é que a nominalização é um elemento anafórico, que não-somente funciona como um rótulo (Francis, 1994, p. 85), remetendo o leitor para o que foi dito anteriormente pelo falante e para a clareza dos dados cognitivos a serem usados no entendimento total das informações fornecidas no discurso. A nominalização é, pois, um elemento de

progressão referencial (Koch & Marchuschi, 1998), ajudando no processo de sequencialidade nos discursos analisados.

3 Considerações Finais

É de fundamental importância a nominalização advinda dos processos de derivação sufixal e regressiva. Isso nos leva a estudar também quais os sufixos que ajudam nesse processo de constituição do ato de nominalizar. Até entre o uso dos sufixos pelos falantes, já vemos a preferência pelos de nível formal. A nominalização em quase todos os discursos analisados advém de nomes e de verbos.

Pelas análises feitas, afirmamos que, embora os discursos analisados constituam textos dissertativos, há o uso de poucas nominalizações. Os discursos em tela foram, em geral, produzidos em língua formal, embora haja momentos interativos que se aproximam da informatividade. Os informantes utilizam a nominalização, pois sabem que o seu emprego constitui “[...] um modo de esconder o enunciador e de conceder ao texto o caráter objetivo, neutro e impessoal que lhe convém, procurando dirigir a atenção do leitor apenas para o ato ou processo em si” (Albino, 1993, p. 37). Sendo um artifício da linguagem com o qual o falante aponta para o enunciado e não para si, a nominalização pode ser considerada como um elemento que propicia o apagamento do sujeito, sendo, portanto, o indício do seu afastamento do texto.

A nominalização pode ser investigada nos mais diferentes níveis como: descritivo, lógico, semântico, sintático, pragmático e discursivo. Ela, embora seja um rótulo retrospectivo, desempenha principalmente uma função pragmática para os usuários da língua. Usando a nominalização, o falante exibe o enunciado ao interlocutor, não se enunciando, mas ocultando-se nas palavras do dizer, que formam o sentido dos discursos.

4 Referências Bibliográficas

- ALBINO, José Mauro Branco. *As condições de produção dos sufixos nominalizadores –ção e –mento no português escrito formal*. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993. Dissertação de mestrado. mimeo.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 36.ed. São Paulo, Saraiva, 1989.
- BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo, Ática, 1987.
- CUNHA, Mônica Laboissière. O discurso do professor: uma questão de poder e solidariedade. In: MAGALHÃES, Izabel (org.). *As múltiplas faces da linguagem*. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1996. p. 229-37.

- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- FRANCIS, Gill. Labelling discourse: an aspect of nominal-group lexical cohesion. In: COULTHARD, Malcolm. *Advances in written text analysis*, London and New York., 1994. p. 82-101.
- KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. São Paulo, Ática, 1992.
- KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo, Contexto, 1991.
- _____. & MARCUSCHI, Luiz Antonio. Processos de referenciação na produção discursiva / referenciação processual in discourse production. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, EDUC, 14: 169-90, ago. 1998.
- LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 36. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1998.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. A nominalização no português do Brasil. *Revista de Estudos da Linguagem*. Minas Gerais, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 8: 4-51, jan. 1999.
- SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa gramática; teoria e prática*. 5. ed. São Paulo, Atual, 1983.
- SAID ALI, M. *Formação de palavras e sintaxe do português histórico*. São Paulo, Melhoramentos, 1923.